

**UM POEMA
INÉDITO DE
JOÃO CABRAL**

**MARCELO
BORTOLOTTI**

O poema inédito que aqui se publica, “Pernambuco chovido, abril de 1980”, foi encontrado no arquivo pessoal do editor José Olympio Pereira, na Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Ele pertencia a um conjunto de 48 poemas datilografados, alguns deles com correções à caneta, reunidos num pequeno livro com encadernação espiral, que trazia na primeira página a inscrição: “Poemas pernambucanos, João Cabral de Melo Neto”. Tratava-se da primeira versão da obra *A escola das facas*, lançada em dezembro de 1980 pela editora José Olympio. Abaixo do título, uma anotação à lápis indicava que o datiloscrito não seria aproveitado na publicação: “Original a ser substituído por outro que o João Cabral vai enviar. 12/08/1980”.

Entre os poemas ali reunidos, 44 entraram em *A escola das facas* (doze com títulos diferentes), e outros três apareceram em livros seguintes, permanecendo este como o único inédito. João Cabral evoca nestes versos a imagem dos campos esverdeados depois da chuva, paisagem que se repete sazonalmente no sertão pernambucano, contrastando com a aridez dos períodos de seca. Imagem possivelmente recuperada de alguma memória de criança, e neste sentido coerente com os demais poemas do livro de 1980, que abordam temas regionais ligados à vida e à infância do autor, o que representou uma rara inflexão em sua obra, em geral avessa a referências autobiográficas e a expansões do sujeito lírico.

Nesta época, atuando como embaixador do Brasil em Quito, no Equador, João Cabral dividia-se entre uma dicção mais pessoal na obra e a sua propalada “aversão à subjetividade”. Ao mesmo tempo em que colocava muito de si nos versos de *A escola das facas*, em agosto daquele ano escreveu ao editor que preparava o livro: “Se não for essencial para você gostaria que o livro saísse sem a minha fotografia e sem a minha biografia. Em geral, as fotografias de intelectuais são ridículas: mostram-

nos 30 anos mais jovens e com ares meditados que ninguém pode levar a sério. Quanto à biografia, é uma coisa que não tenho”.¹ Neste embate, o poema que se publica aqui pela primeira vez pode ter sido excluído da obra por algum excesso de memorialismo, na visão do autor. Merece agradecimento especial o professor Antônio Carlos Secchin, organizador do livro *João Cabral de Melo Neto – Poesia Completa* (Editora Alfaguara, 2020), que confirmou o ineditismo do poema.

PERNAMBUCO CHOVIDO, ABRIL DE 1980

Os verdes que aprendi do verde
Na mata chovida revi.
Mais que revi (que nossos verdes
Não são só de ver): revivi.
Mais que revivi: nossos verdes
Não são de reviver, ali,
Eles são muitos e exigentes:
Cada um quer que venha aqui.
Neste abril o verde era tanto,
Tantos, sem mãos a medir,
Que se viajei neles todos,
E sem habitá-los revim,
Os revivi no arredor verde
E no de cristal que bebi
(Escrevo, está claro, de quando
a chuva o deixa se exprimir).

MARCELO BORTOLOTI é jornalista formado pela Pontifícia Universidade Católica de Belo Horizonte, mestre em Artes pela Universidade Federal Fluminense, doutor em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: marcelobortoloti@gmail.com.

¹ Carta de João Cabral a Daniel Pereira, 21 de agosto de 1980. Acervo José Olympio Pereira, Fundação Casa de Rui Barbosa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MELO NETO, João Cabral. *Poesia completa*. Organização e notas de Antônio Carlos Secchin. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MELO NETO, João Cabral. *Poemas pernambucanos*. Datiloscrito original do acervo pessoal de José Olympio Pereira. Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.